



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

ALFABETIZAÇÃO: OS DESAFIOS CURRICULARES DURANTE A PANDEMIA (COVID-19)¹

LITERACY: CURRICULUM CHALLENGES DURING THE PANDEMIC (COVID-19)

Caroline Schreder², Vidica Bianchi³, Eva Teresinha Boff⁴

RESUMO

O processo de alfabetização por si já é dotado de desafios, porém com o contexto vivenciado a partir da Pandemia (COVID-19), os mesmos se fizeram ainda maiores. Para tanto, os questionamentos que provocaram este estudo foram: Houve modificações e/ou adaptações no currículo da alfabetização no decorrer deste período? Quais os desafios curriculares dos professores alfabetizadores nestes tempos? Objetivou-se compreender os desafios curriculares da alfabetização durante a pandemia (COVID-19). Para isso, utilizou-se uma metodologia de cunho qualitativo, caracterizando-se como pesquisa-ação. A coleta de dados foi realizada a partir de registros em diário de bordo e questionários semi-estruturados, abrangendo como sujeitos, professores alfabetizadores participantes do primeiro encontro do Fórum: A voz de Quem Alfabetiza, realizado no segundo semestre de 2020. A partir da análise textual discursiva identificou-se duas categorias principais que orientaram as práticas pedagógicas e as questões curriculares na alfabetização, uma de dimensão técnica e de organização e a outra abrangendo o contexto e a realidade dos educandos. Portanto, percebeu-se a necessidade da sintonia entre ambas as questões envolvidas nestas categorias, bem como a preocupação dos professores com a autonomia dos educandos, o diálogo, a adaptação de situações e a busca por novas formas, ferramentas e metodologias para uma alfabetização emancipatória, questões intimamente ligadas ao se pensar o currículo.

Palavras-chave: Alfabetização. Currículo. Adaptação. Autonomia.

ABSTRACT

The literacy process itself is already endowed with challenges, but with the context experienced from the Pandemic (COVID-19), they became even greater. Therefore, the questions that provoked this study were: Were there changes and/or adaptations in the literacy

¹ Trabalho realizado na disciplina de Alternativas Curriculares Emancipatórias nas Diferentes Áreas de Saberes: reflexões epistemológicas, no curso de Mestrado em Educação nas Ciências- UNIJUI.

² Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Graduada em Pedagogia da SETREM. Pós-graduada em Alfabetização e Letramento da UNINTER. Mestranda em Educação nas Ciências da UNIJUI. caroline.schreder@sou.unijui.edu.br

³ Doutora em Ecologia, professora vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Rua do Comércio, no 3000, Ijuí – RS – Brasil – CEP 98.700-000). E-mail: vidica.bianchi@unijui.edu.br

⁴ Doutora em Educação em Ciências, professora vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul –UNIJUI. Ijuí, Rua do Comércio, no 3000, Ijuí – RS – Brasil – CEP 98.700-000). E-mail: evaboff@unijui.edu.br



curriculum during this period? What are the curricular challenges for literacy teachers in these times? The objective was to understand the curricular challenges of literacy during the pandemic (COVID-19). For this, a qualitative methodology was used, characterized as action research. Data collection was carried out from logbook records and semi-structured questionnaires, including literacy teachers as subjects, who participated in the first meeting of the Forum: A Voz de Quem Alfabetiza, held in the second half of 2020. Based on the analysis discursive textual two main categories were identified that guided the pedagogical practices and the curricular issues in literacy, being one of a technical and organizational dimension and the other covering the context and reality of the students. Therefore, the need for harmony between both issues involved in these categories was perceived, as well as the concern of teachers with the autonomy of students, dialogue, adaptation of situations and the search for new ways, tools and methodologies for an emancipatory literacy, issues closely linked to thinking about the curriculum.

Keywords: Literacy. Curriculum. Adaptation. Autonomy.

INTRODUÇÃO

A Alfabetização como campo fundamental da educação escolar, tem grande importância no desenvolvimento dos sujeitos como cidadãos, como sujeitos sociais autores de sua própria história. Este processo educacional pode ser conduzido de forma a ser utilizado como meio de controle e poder, ou como forma de autonomia e emancipação dos sujeitos. Estas questões estão imbricadas na compreensão e constituição do currículo escolar, tanto em seus aspectos teóricos quanto práticos.

Para tanto, destaca-se que, segundo Silva (2019), o currículo pode ser entendido como um caminho a ser percorrido, o que vamos vir a ser, como nos constituímos, ou seja, implica a formação da identidade de cada sujeito, sua subjetividade, enfatizando que as questões curriculares vão além da seleção de conhecimentos. Nesta perspectiva, Freire em várias de suas obras (1989, 1996, 2011, 2018, 2020), considera que a educação como forma de emancipação e empoderamento dos sujeitos, em diálogo e respeito com suas culturas é de grande relevância para a transformação social, quebrando com a dominação de uns sobre outros, o que ele denomina de opressores e oprimidos.

Além disso, Freire não é um estudioso das teorias do currículo, mas apresenta uma crítica às práticas educativas a qual denomina de educação bancária, na qual o educando se ocupa de um papel passivo (é ouvinte, não tem direito a voz) e o educador tem papel ativo (impõe, transfere/deposita o conhecimento do qual ele é dotado). Nesta concepção, não há nenhuma consideração pela realidade e contexto cultural dos educandos, o que se pretende é a



perpetuação das ideias de uma classe dominante (opressores). Estas ideias também têm impacto no processo de alfabetização. Isso pelo fato de que, é neste período que o sujeito tem acesso a aprendizagem da escrita, leitura e suas funções sociais, porém para Freire (1989) o domínio técnico apenas não basta. A leitura da palavra precisa também ser a leitura do mundo, ou seja, é a partir disso que se amplia a possibilidade de compreender sua história, suas perspectivas, seu poder de transformação no meio social do qual é parte.

Devido ao elo dialógico entre o contexto social e o meio educacional, em que a dinâmica da educação está em constante movimento conforme o enredo social vivido, percebe-se que com a situação atual ocasionada pela pandemia (COVID- 19), surgiram novas necessidades na prática pedagógica, inclusive no campo da alfabetização. Diante disso, indaga-se: Houve modificações e/ou adaptações no currículo da alfabetização no decorrer deste período? Quais os desafios curriculares dos professores alfabetizadores nestes tempos? Em busca de entender e investigar esses questionamentos, tem-se como objetivo deste estudo, compreender os desafios curriculares da alfabetização durante a pandemia (COVID-19).

PROFESSORES ALFABETIZADORES: CAMINHOS PERCORRIDOS

Compreendendo a alfabetização como processo de apropriação da linguagem escrita, da cultura e da leitura do mundo para ressignificar o mesmo a partir de ações transformadoras, percebe-se a importância do papel do educador acerca desta dinâmica. Nesta perspectiva, a fim de alcançar o objetivo do presente estudo, buscou-se realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, a qual vem a contribuir positivamente nos temas que envolvem o contexto social e educacional, bem como, a partir da mesma entender, compreender ou mesmo até procurar superar situações problemáticas, assim consideradas por seus atores sociais, os quais são protagonistas na investigação (GONZÁLEZ, 2020). O estudo caracteriza-se como pesquisa-ação, por entender-se que

[...] seria a melhor forma de apreender a realidade, pensá-la na fluidez de seu processo e, principalmente, possibilitar o envolvimento ativo das professoras na realidade a ser investigada. Desse modo, a pesquisa-ação seria um instrumento para compreender a prática, avaliá-la e questioná-la, exigindo, assim, formas de ação e tomada consciente de decisões (ABDALA, 2005, p. 386).

Os dados para a pesquisa foram coletados a partir de questionários semi estruturados realizados com professores e professoras alfabetizadoras participantes da primeira edição do “Fórum- A Voz de Quem Alfabetiza”, que aconteceu no segundo semestre do ano de 2020,



via encontros realizados de forma virtual pelo Google Meet. Utilizou-se de alguns dados quantitativos a fim de caracterizar os sujeitos pesquisados. Os questionários foram realizados no primeiro semestre de 2021. Além disso, os registros em diário de bordo descritos a partir das falas dos participantes do 1º encontro, também se mostraram relevantes para compreender o cenário da alfabetização no cenário atual. Destaca-se que, dentro das dimensões éticas, os participantes desta pesquisa, estão cientes do uso dos dados para fins de estudos e divulgação ao responderem os questionários. Para tanto, utiliza-se nomes fictícios para designar as falas e respostas utilizados na análise dos dados.

O “Fórum- A Voz de Quem Alfabetiza” foi idealizado e realizado por professoras vinculadas à temática da alfabetização, atuando com turmas de estudantes que estão neste processo escolar, ou que realizam estudos acerca da temática. O movimento foi realizado em conjunto com o curso de Pedagogia da Faculdade Três de Maio- SETREM. Esta iniciativa teve como objetivo possibilitar um espaço de acolhimento, de escuta, de diálogo e partilha aos professores/as que atuam com a alfabetização, especialmente nas turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, em escolas da Região Noroeste do Rio Grande do Sul.

Observou-se a necessidade de proporcionar um espaço como este fórum devido a situação enfrentada durante a pandemia (COVID-19), a qual desestabilizou a rotina pessoal, social, e conseqüentemente, escolar. Ocorreram dois encontros, os quais tiveram como temas centrais dos diálogos, respectivamente: Alfabetizar: compartilhando experiências e as relações com a BNCC; Dialogando sobre os métodos de alfabetização: como é a minha prática?. Para o presente estudo, considerou-se as falas e considerações do primeiro encontro.

No primeiro encontro, a fim de caracterizar os educadores que participaram do fórum em questão, contou-se com a presença de 33 pessoas, dentre estas os organizadores e acadêmicos do curso de Pedagogia da Faculdade Três de Maio- SETREM. Dentre estes, 15 responderam a um questionário inicial com o intuito de conhecer o público abrangido. A partir disso, observou-se que 9 destes atuam com turmas do 2º ano do Ensino Fundamental e 6 com turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. Do mesmo modo, a maioria atua em escolas da rede pública (12 participantes) e os demais (3 participantes) atuam na rede privada de ensino. Quanto a seu tempo de experiência como docente na alfabetização, tem-se 6 professores com 1 a 3 anos de atuação neste campo, 5 professores que atuam a mais de 20 anos, 3 participantes



que atuam de 4 a 10 anos com a alfabetização e apenas 1 participante com 10 a 20 anos de experiências nesta etapa.

Considerando os dados acima citados, percebe-se que os educadores participantes do fórum, em sua maioria atuam em escolas públicas, tendo uma experiência recente com o processo de alfabetização ou já com uma caminhada de anos significativos neste meio, atuando com turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. O traço comum ao grupo, é a situação desafiadora na qual todos se encontram diante do cenário atual, sendo necessário repensar e recriar as práticas educativas.

Diante disto, para análise dos dados, utilizou-se da análise textual discursiva, que é entendida como um

[...] processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. [...] Depois da realização desta unitarização, que precisa ser feita com intensidade e profundidade, passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. Neste processo reúnem-se as unidades de significado semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias de análise. (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 118).

ALFABETIZAÇÃO E CURRÍCULO: ENTENDIMENTOS A PARTIR DE FREIRE

A ATD permitiu identificar nas respostas dos professores, duas questões fundamentais: a questão de priorizar certos conteúdos e a preocupação em seguir a organização e as propostas da Base Nacional Comum Curricular, e a questão de repensar as práticas educativas segundo a realidade atual das famílias. Desta forma, divide-se os participantes em duas categorias, uma de dimensão técnica e de organização, e a outra de dimensão sobre o contexto e a realidade.

1) Dimensão técnica e de organização

Percebe-se que os participantes A e D priorizaram a dimensão técnica e de organização, focando em realizar um trabalho pedagógico que considera a BNCC, o Referencial Curricular Gaúcho, ou mesmo priorizando alguns conteúdos em detrimento de outros. Quanto a este último quesito, as atividades relacionadas à escrita, leitura e cálculos, ou seja, os campos da língua portuguesa e da matemática, tiveram maior ênfase. Já o participante F, no final de seu relato também destaca a priorização destes conhecimentos, mesmo que também tenha levado em consideração as necessidades e a realidade vivenciada.

Participante	Resposta
---------------------	-----------------



A	Na seleção de conteúdos deu-se ênfase aos mais necessários devido a situação (embora sabendo da importância de todos os conteúdos), teve maior dedicação a leitura, escrita e básico da matemática.
D	Principalmente em relação a adaptação da nova BNCC e referencial gaúcho .
F	Para realizar as adaptações quanto a metodologia, foi considerada a nova realidade, principalmente se tratando das aulas não presenciais. Para a seleção dos conteúdos , foi possível trabalhar praticamente todos os conteúdos propostos pela BNCC , exclusivamente para o primeiro ano. No entanto, devido a quantidade de atividades propostas ser menor neste modelo de aula não presencial, do que durante as aulas presenciais, muitos destes conteúdos não foram aprofundados. Neste sentido, por mais que trabalhamos com todas as áreas de conhecimento, a prioridade no planejamento recaiu sobre a alfabetização em língua portuguesa e alfabetização matemática .

Quadro 1: (Fonte: Dados da pesquisa , 2021 (Grifo nosso)).

As questões curriculares perpassam por vários campos da educação, inclusive a alfabetização, considerada etapa fundamental e relevante na constituição de cada sujeito. Há diversos aspectos que desdobram-se no currículo como as questões de poder imbricadas no pensar e fazer pedagógico. Ao optar por priorizar certos conteúdos e não outros, ou mesmo manter o foco voltado as questões de seguir regras e documentos orientadores, precisa-se manter-se atento e analisar a situação de modo a refletir sobre o objetivo educacional que pretende-se alcançar.

Na prática pedagógica em que o professor é a figura central e o aluno está como o agente passivo, um mero receptor e repetidor de conteúdos desconectados da realidade, assemelha-se com o que Freire (2020) chama de educação bancária.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mas ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor o educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (p. 80).

Assim, o alfabetizando também apenas recebe, decora, memoriza e reproduz as técnicas aprendidas para ler e escrever, sem ter a necessidade de pensar sobre aquilo ou mesmo o que isso significa em sua vida.

2) Dimensão sobre o contexto e a realidade



Em contrapartida, os participantes B e E parecem ter priorizado a dimensão do contexto e da realidade das crianças e das famílias para realizar as adequações, repensando o que seria trabalhado com a turma a partir disso. O respondente C coloca a situação da escola em que trabalha, utilizar livros didáticos com uma sequência pré estabelecida, mas no seu relato descreve a importância de pensar e adaptar este material conforme o contexto do momento, respeitando de modo empático o espaço e as situações ocorridas durante este período pandêmico.

Participante	Resposta
B	Considerou-se as necessidades e possibilidades de cada criança e família.
C	Como faço parte de uma escola que possui um sistema de materiais didáticos (apostilas e cadernos de atividades), muitas experiências/práticas tive que pensar de outra maneira, pois cada aluno estava em sua casa. Então, quando eram situações que envolviam o cotidiano e materiais diversificados, tentava sempre pensar em todas as possibilidades , para não provocar estranhamento e sufoco para os pais e responsável, isso quer dizer que: tentava da melhor forma usar somente o que estivesse dentro de sua residência.
E	A realidade das crianças e famílias, suas necessidades para o momento e também quem tinha acesso ou não a internet, eram pensadas atividades de formas diferentes caso isso acontecesse. Como também, os conteúdos foram revistos e elencados em ordem de relevância, visto que tudo era novidade e nem sempre haviam as respostas certas.

Quadro 2: (Fonte: Dados da pesquisa , 2021 (Grifo nosso)).

O processo educativo não deve se restringir a pura e mecânica repetição, mas necessita perceber o educando também como sujeito ativo, o qual é parte de um contexto social e histórico podendo agir sobre ele, tendo também interesses subjetivos que fazem parte da sua identidade. Neste sentido, Freire (2020) contribui apresentando a proposta de uma educação libertadora, que vise a autonomia e a emancipação dos sujeitos, que são vistos como atores e não apenas espectadores, sendo assim, podem vir a se conscientizar a partir da realidade e agir sobre ela, gerando transformação.

Deste modo percebe-se que, assim como o currículo, a alfabetização também pode ser vista e utilizada para promover determinadas ideias. Pois, “[...] a alfabetização é analisada conforme sirva ela para reproduzir as formações sociais existentes, ou como um conjunto de



práticas culturais que promovam a mudança democrática e emancipadora.” (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 120). Ou seja, os educadores alfabetizadores ao pensarem a sua prática pedagógica precisam analisar qual caminho seguir, qual papel incorporar, podendo ser reprodutores de ideais dominantes ou propor e provocar que os educandos assumam-se como sujeitos ativos, pensantes e atuantes.

Neste sentido, Freire e Macedo (2011) apresentam uma concepção de alfabetização que não prioriza apenas o domínio técnico das habilidade de escrever e ler, mas também o pensar criticamente a partir destes conhecimentos, refletindo as formas que podem ser utilizadas para transformar a realidade da qual os educandos são parte. Este processo envolve a cultura (ou as culturas) e o respeito a elas, sendo assim,

[...] a alfabetização não pode ser encarada simplesmente como o desenvolvimento de habilidades que vise à aquisição da língua padrão dominante. [...] A alfabetização deve ser vista como um meio que compõem e afirma os momentos históricos e existenciais da experiência vivida que produzem uma cultura subalterna ou vivida. Daí, ser ela um fenômeno eminentemente político e deve ser analisada dentro do contexto de uma teoria de relações de poder e de uma compreensão da reprodução e da produção social e cultural. (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 121).

Deste modo, ressalta-se que tanto a dimensão de caráter técnico e de organização, quanto a dimensão que procura considerar a realidade e as necessidades percebidas, são necessárias para pensar e fazer a alfabetização. Porém, a partir das contribuições de Paulo Freire, vê-se que ambas precisam estar juntas, em sintonia, ao invés de priorizar uma em detrimento da outra. Isso porque, os educandos em processo de alfabetização estão em uma movimento de apropriação não somente da escrita e da leitura, mas também das suas significações. Para Freire,

[...] a alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial- coisas mortas ou semimortas-, mas numa atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto. (FREIRE, 2018, p. 145-146)

Na obra “Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra”, são apresentadas várias abordagens sobre a alfabetização, sendo estas: abordagem acadêmica da leitura, abordagem utilitaristas da leitura, abordagem do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo e abordagem romântica da leitura. A característica comum entre estas diferentes concepções,



segundo os autores, é a que todas desconsideram o papel da linguagem, a dissociação da realidade cultural dos educandos, ou seja, a não importância da linguagem na construção da identidade do sujeito, no seu processo de se conscientizar a partir das experiências que fazem parte da sua história. Diante disso, defende-se uma alfabetização emancipadora, segundo a qual, o contexto sócio-histórico, a realidade e a compreensão crítica dos mesmos, faz parte do ato de aprender a ler e escrever, do processo de alfabetização (FREIRE; MACEDO, 2011).

DESAFIOS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES: OUTRAS PERCEPÇÕES

A partir dos contextos sociais emergentes, surgem diversos desafios tanto na vida pessoal, social, bem como na educação e conseqüentemente na etapa da alfabetização. Por conta das mudanças ocasionadas pela pandemia (COVID-19), sentiu-se a necessidade de idealizar e realizar um espaço que acolhesse e oportuniza-se os professores alfabetizadores a ter voz para expressar seus pensamentos, questionamentos, angústias e esperanças. Durante o segundo semestre de 2020, foram realizados dois encontros virtuais através do “Fórum: A Voz de Quem Alfabetiza”. No primeiro encontro, iniciou-se com uma breve abertura, acolhendo e apresentando a ideia principal do Fórum. Na sequência, tratou-se sobre como se constitui um fórum e o que se pretende com este fórum dos professores alfabetizadores. Refletiu-se também sobre o ser professor reflexivo e os diversos desafios que encontramos nesta caminhada, inclusive neste ano, além de destacar e relembrar alguns pontos centrais trazidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A partir deste encontro, alguns aspectos centrais das falas dos participantes do fórum foram registrados em um diário de bordo. Dentre as principais ideias expressas, citou-se que o contato e o trabalho colaborativo com as famílias foi essencial, além de que o professor precisou assumir um olhar humanizador sobre seus alunos, possibilitando momentos de escuta para que eles pudessem expressar seus sentimentos, suas angústias e suas vivências, além de manter o vínculo com as crianças. Apresentou-se como desafio o movimento de busca por recursos e ferramentas tecnológicas para auxiliar na continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Outro destaque se dá, na importância da troca de ideias entre professores alfabetizadores como forma de apoio mútuo e também para perceber quais estratégias e ações pedagógicas podem ser realizadas neste momento de pandemia e educação remota. Durante o



diálogo, percebeu-se um tom de esperança nas falas, em que o caminho até aquele momento do ano não foi fácil, mas cheio de imprevistos e inúmeros desafios, e mesmo assim foi possível encontrar soluções.

A partir destes registros, nota-se que o diálogo perpassou por várias falas, tanto a importância da relação dialógica com as famílias dos educandos, bem como entre as trocas realizadas entre os próprios educadores, constituindo uma aprendizagem mútua. Freire frisa que o diálogo é ato fundamental em uma educação e alfabetização emancipadora. O autor destaca que “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens.” (FREIRE, 2020, p. 110). Portanto, para haver verdadeiro diálogo precisa haver disposição dos sujeitos, precisa ter amor, e este é entendido como o compromisso com os educandos. Neste processo está envolvido um elo de confiança, de trocas, de escuta ativa, possibilitando que o educador atente para além dos conteúdos escolares, mas também as questões e necessidades que as crianças passam, com um olhar humanizador.

Além destes aspectos, os desafios referentes às questões práticas de manter o vínculo, a comunicação e as próprias aulas também são citadas. Nota-se que é comum aos educadores ter recorrido a diferentes instrumentos e recursos tecnológicos para dar continuidade ao processo educativo, dentro das possibilidades de cada um. Isso fica evidente nos relatos dos professores alfabetizadores que responderam ao questionário posterior ao fórum, ressaltando que de 15 participantes apenas 6 retornaram a pesquisa. Dentre as respostas sobre se precisou adaptar os conteúdos e metodologias nas aulas durante o ano de 2020, a resposta foi unânime: todos tiveram esta necessidade.

As formas encontradas para realizar isso foram diversas: apostilas impressas, uso de livros didáticos (em alguns casos), atividades enviadas em grupos de Whatsapp, uso do Google Sala de Aula, aulas via Google Meet, chamadas de vídeo, retorno e registro das atividades por meio de fotografias, vídeos e áudios, uso de jogos digitais e diferentes aplicativos. Porém, além dos meios e ferramentas tecnológicas que foram a opção viável utilizada para dar continuidade à dinâmica escolar e ao processo de alfabetização, surgiram questionamentos referentes ao currículo no momento.

Com os alunos distantes das salas de aula, aulas interrompidas e uma reorganização do calendário escolar, os professores em quarentena detêm a possibilidade de explorar novas maneiras de oportunizar experiências significativas de aprendizagem aos seus alunos. Com a flexibilização de novas estratégias, pode-se continuar o processo de ensino em meio ao distanciamento social. Mas, o que pode ser



priorizado neste momento? Em voga, a nova modalidade de ensino, a remota, requer do professor, como também do aluno, novos comportamentos. Sem a capacidade de oportunizar materiais em sala de aula, somente através dos recursos tecnológicos à distância, o professor teve de refletir quanto às suas práticas de ensino. (BATISTA, 2020, p. 70-71)

O contexto do presente ano, 2021, continua turbulento e com constantes desafios diante do seguimento da pandemia (COVID-19). Com este cenário, as escolas organizaram-se de diferentes modos, conforme as possibilidades de cada local, para dar continuidade às práticas educativas. Segundo as professoras participantes, algumas instituições escolares iniciaram o ano letivo com aulas remotas, outras de forma presencial e on-line, outras tiveram que voltar somente para o modo remoto devido ao agravamento da situação. Quando questionados se houve a necessidade de realizar uma retomada e adaptações dos conteúdos a serem trabalhados no ano letivo de 2021, nas turmas de alfabetização, todos assinalaram que sim, em alguns casos parcialmente ou mesmo totalmente.

A partir dessas respostas (Quadro 3), percebe-se que alguns aspectos se destacam e perpassam as falas. Um deles é a necessidade de trabalhar a autonomia com os educandos, de forma a oportunizar que eles possam tentar, arriscar, errar, refletir, tentar novamente, para que sejam eles próprios autores da sua história, do seu fazer. A autonomia se faz essencial para desenvolver-se como sujeito ativo e emancipado, consciente e transformador da realidade. Deste modo, Freire (1996, p.107) complementa dizendo:

A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.

Além da autonomia, a proximidade destacada remete a afetividade e aos laços emocionais, sensíveis e humanos que perpassam as relações entre educador e educando, sendo parte constante do processo de ensino e aprendizagem. “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.” (FREIRE, 1996, p. 143). Isso significa que além dos conhecimentos culturalmente produzidos e acumulados pela humanidade, ou seja, o conhecimento científico, também há as emoções e sentimentos envolvidos no educar, e isso pode possibilitar o objetivo da mudança da realidade como está, de modo a melhorá-la, ou



mesmo que esta permaneça do mesmo. Ressalta-se que aqui defende-se a ideia da conscientização e da transformação, acreditando em sujeitos ativos.

Principais desafios (respostas dos professores alfabetizadores)
Manter-se forte em condições de apoiar as famílias em seus medos e insegurança, adaptando-se aos diferentes horários das mesmas, para alcançar o objetivo que é alfabetizar.
Fazer com que todas as crianças alcancem as habilidades mínimas necessárias para o 2º ano do ensino fundamental.
A proximidade. Principalmente no processo de alfabetização, falar, gesticular a boca, pegar na mão para ensinar o traçado, letra cursiva, a utilização de materiais concretos, os jogos em dupla que auxiliam no amadurecimento do aprender. Usar máscara é necessário, mas é um desafio na fase do aprender ler e escrever, porque eles necessitam da vivência. A dificuldade para falar os fonemas, as dúvidas e principalmente o carinho, como professor é doloroso dizer diariamente: "Não, você não pode me abraçar!"
Ao retornar para a Escola desenvolver a autonomia das crianças. Hoje vemos muita insegurança quando vão realizar qualquer atividade proposta.
O processo de alfabetização de alguns alunos, que é bem preocupante. E ainda, algumas famílias que acabam fazendo as atividades pelas crianças, ou então falando as respostas, ao invés de deixá-las tentarem sozinhas.
Considero que o maior desafio neste período de pandemia, é alfabetizar as crianças que realizaram poucas (ou quase nada) das atividades propostas no ano anterior e que por isso, não conhecem o alfabeto, demonstram dificuldade no traçado de letras e números e possuem muita dificuldade para realizar as atividades com autonomia. No geral, são essas as crianças que continuam com pouco auxílio dos pais para realizar as atividades domiciliares e assim, é difícil sanar as lacunas de aprendizagem destas crianças apenas com as aulas presenciais alguns dias por semana.

Quadro 3: (Fonte: Dados da pesquisa, 2021).

A partir destas reflexões, nota-se que o currículo vai muito além da organização de conteúdos e registros sistemáticos, mas envolve vidas, ideias, concepções e ações. “O currículo é lugar, espaço, território. Assim, “O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.” (SILVA, 2019, p. 150). Em meio a tais compreensões, os profissionais da educação têm grande responsabilidade em desenvolver um currículo que respeite os sujeitos envolvidos.

Diante de tantas considerações, percebe-se nos professores alfabetizadores um compromisso intenso para com o desenvolvimento de cada criança no seu processo de busca e reconhecimento do que a rodeia, dos contextos, a fim de que a mesma seja autônoma e possa



usar a escrita e a leitura como instrumentos culturais de emancipação para a transformação. Sendo assim, ainda ressalta-se que os educadores encontram-se num permanente processo de busca, entendendo-se como seres inconclusos, imersos num mundo de possibilidades para criar e aprender (FREIRE, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões, percebeu-se que o contexto social influi no processo educativo, na sua organização, planejamento e intenções. Constatou-se que a situação ocasionada pela pandemia (COVID-19) mobilizou as escolas, os professores, as famílias e as crianças a se adaptarem para proporcionar a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. No presente estudo, analisou-se o movimento realizado pelos professores alfabetizadores, os quais tiveram a necessidade de repensar as estratégias pedagógicas, bem como as ferramentas e metodologias utilizadas para manter contato com os educandos.

Deste modo, observou-se duas categorias mediante as respostas obtidas pelos professores alfabetizadores, sendo a primeira de dimensão técnica e de organização, a qual priorizou em seu currículo os conteúdos pré estabelecidos, priorizando alguns em detrimento de outros, especialmente a escrita, leitura e cálculos. Em contrapartida, a segunda categoria abrange os contextos e as realidades dos educandos, demonstrando um olhar atento para as questões advindas a partir dos impactos sociais e culturais no cotidiano das crianças. Por conta disso, percebe-se que há a importância de manter uma sintonia entre os conteúdos e as realidades vivenciadas, para que assim, possa-se desenvolver um currículo que preza pela conscientização do que está acontecendo, abordando os conhecimentos científicos de modo a empoderar o sujeito. Na alfabetização, entende-se isso como um processo emancipatório, onde os sujeitos são vistos como ativos, podendo transformar suas realidades.

Além disso, verificou-se que os principais desafios curriculares enfrentados pelos educadores atuantes no processo de alfabetização, se deram em torno da preocupação com a autonomia dos educandos, a qual é de grande relevância para seu desenvolvimento, bem como a proximidade e afetividade que permeiam o ato de educar. Desta forma, destacou-se ainda, o diálogo como essencial na relação entre educadores e educandos, educadores e famílias, e mesmo entre os próprios educadores como partilha de ideias, angústias e esperanças. Portanto, compreendeu-se que os educadores alfabetizadores colocaram-se como sujeitos inconclusos,



sujeitos em movimento de busca por aprender mais para enriquecer o seu fazer pedagógico, repensando o currículo, confirmando o compromisso assumido com a educação e a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. 2005. **A pesquisa-ação como instrumento de análise e avaliação da prática docente.** Ensaio: aval.pol.públ.Educ.[online]. Vol.13, n.48, pp.383-400. ISSN 0104-4036. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362005000300008>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

BATISTA, Natan César. 2020. **Ensino Remoto: entre acertos e descontinuidades na perspectiva do professor.** In: Um olhar sobre a Educação Contemporânea: abrindo horizontes, construindo caminhos. Cruz Alta. Ilustração. Volume 1.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23^a ed. São Paulo. Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 44^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 37^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 75^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. **Alfabetização : leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. ISBN 978-85-7753-215-5.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. **Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa.** Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.8, n.17, p. 155-183, ago. 2020. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322/200>> Acesso em: 04 jun. 2021.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C.. **Análise Textual Discursiva: Processo Reconstutivo de Múltiplas Faces.** Ver. Ciência e Educação, v. 12, n° 1, p. 117-128. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 04 jun. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 3^a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.